



A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR

THE CONTRIBUTION OF SCHUTZ THEORY TO FAMILY THERAPY

Cláudio Manoel Luiz de Santana¹, Luiz Fábio Domingos², Luís Antônio Monteiro Campos³, Cléia Zanatta⁴,
 Luciana Cordeiro Teles⁵

Submetido em: 04/05/2021

e24274

Aprovado em: 24/05/2021

RESUMO

A partir do método descritivo, este trabalho demonstrou o contributo da Teoria das Necessidades Interpessoais de Schutz para a Terapia Familiar, procurando evidenciar a dinâmica dos grupos e das famílias, principalmente diante das questões problemáticas e das realidades existenciais aí contidas. Neste sentido, buscou-se, por meio de uma revisão literária, corroborar para o desempenho desse estudo, explorando as concepções acerca das Necessidades Interpessoais (Inclusão, Controle e Afeição) que podem auxiliar no processo de acompanhamento das famílias e encontrar respostas para os obstáculos que possam ser identificados. Para tanto, objetiva-se delinear as inter-relações desses conteúdos, tendo em vista a percepção do impacto sobre a Terapia Familiar e identificando a dinâmica deste grupo. Esse artigo procurou contribuir e propor futuras pesquisas que desenvolvam temas sobre Terapia Familiar, aprofundando este conhecimento e explicitando possibilidades e contributos, destes referenciais teóricos, para o auxílio dos grupos familiares. Como resultados, apontou-se um caminho de combate ao perfil de família que estão envoltas num individualismo, e superficial e inexpressiva troca relacional.

PALAVRAS-CHAVE: Necessidades Interpessoais. Terapia Familiar. Família e Grupos

ABSTRACT

From the descriptive method, this work sought to demonstrate the contribution of Schutz's Theory of Interpersonal Needs to Family Therapy, seeking to highlight the dynamics of groups and families, especially in the face of problematic issues and the existential realities contained therein. In this sense, we sought, through a literary review, to corroborate the performance of this study, exploring the conceptions about Interpersonal Needs (Inclusion, Control and Affection) that can assist in the

¹ Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Planalto Central (2015), Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis (2015) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis (2020). É sacerdote (pároco) - Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

² Graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro (UNESA - 2009-2013); Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998 - 2001), graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1996-1997). Sacerdote Católico incardinado na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

³ Mestrado em Psicologia pela UFRJ (1996) e doutorado em Psicologia pela UFRJ (2001). Especialista em Logoterapia pela Sociedade Brasileira de Logoterapia, especialista em Psicologia Jurídica e Clínica pelo CFP. Atualmente é psicólogo e professor Universitário e Coordenador do Mestrado em Psicologia da UCP e professor da PUC-RIO.

⁴ Pós Doutora pela em Psicologia pela Universidade do Minho – Portugal; Doutora em Psicologia Social pela UERJ; Mestre em Psicologia pela PUC-Rio; possui graduação pela UCP em Pedagogia, Psicologia e Direito. Professora permanente e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do curso de Psicologia da UCP

⁵ Graduada em Fisioterapia pela Associação de Docentes da Universidade Estácio de Sá (2006) e Graduação em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2015). Curso de especialização em Logoterapia e Análise existencial (UCP). Mestre em Psicologia pela (UCP) Doutoranda em Educação (UCP).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

process of monitoring families and finding answers to obstacles that can be identified. Therefore, the objective is to outline the interrelationships of these contents, in view of the perception of the impact on Family Therapy and identifying the dynamics of this group. This article sought to contribute and propose future research that develops themes on Family Therapy, deepening this knowledge and explaining possibilities and contributions, of these theoretical references, for the help of family groups. As a result, a path of combating the family profile was pointed out, which are wrapped in individualism, and superficial and inexpressive relational exchange.

KEYWORDS: *Interpersonal Needs. Family Therapy. Family and Groups*

1. INTRODUÇÃO

As relações familiares permanecem dentro do processo de interação com o meio e, a cada dia, novas habilidades sociais podem ser desenvolvidas, haja vista que o mundo passa por constantes transformações (Rangel e Rangel 2020, Cugini 2020). Nesta perspectiva, se apresentam situações em que o ser humano se descobre a partir do outro e se encontra, pois ele é capaz de se perceber, refletir, pensar e apresentar um modo de se comportar.

É de suma importância lembrar que, ao pensar no conceito de família, não se pode menosprezar a influência das grandes transformações que aconteceram ao longo do tempo, desde a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, perpassando tantos acontecimentos importantes até chegar ao período presente: a Pós Modernidade (Costa e Rocha 2021; Paes e Lobão 2020). Nesse sentido, o objetivo prioritário deste trabalho foi, portanto, estabelecer um diálogo entre a Terapia Familiar e a Teoria de Schutz (1974, 1978) e, a partir desse fato, os objetivos específicos foram: compreender o conceito de grupo e suas relações, conhecer a Teoria das Necessidades Interpessoais e suas implicações, compreender a Terapia Familiar e verificar a contribuição da Teoria das Necessidades Interpessoais de Schutz para a Terapia Familiar.

Estudos de diversos autores possibilitaram as grandes transformações da Terapia Familiar, ao longo do tempo. A afirmação de que o tema família é tão fundamental que se faz presente nos currículos de Psicologia e pós-graduação, como formação específica e necessária, manifesta a sua relevância e desafios, uma vez que se vive em um país de diversidades, exigindo, assim, a criatividade dos terapeutas de família e a capacidade de dialogar com as mais variadas e novas expressões familiares. (Rossato, 2017; Machado, 2012).

Para compreender essa dinâmica, o presente artigo, a partir da Teoria das Necessidades Interpessoais, apresentou o ser humano como aquele que possui o desejo, a necessidade de filiar-se, de integrar-se em um determinado grupo, uma vez que a pessoa humana necessita ser aceita e pertencer a uma coletividade. Ou seja, a integração de uma pessoa em um grupo, neste caso com o grupo familiar, requer a satisfação dessas necessidades fundamentais, a saber: Necessidade de Inclusão, Necessidade de Controle e Necessidade de Afeto, que serão apresentadas no decurso do artigo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

Em suma, o presente trabalho procurou estabelecer um diálogo entre as disciplinas psicológicas da Terapia Familiar (Zagne e Pereira 2021) e os pressupostos Teóricos de Schutz, especificamente a Teoria das Necessidades, reconhecendo o valor da mesma e a possibilidade do fornecimento de instrumentais capazes de contribuir para o ajustamento das famílias, principalmente, no que tange à mediação de conflitos e superação de crises.

2. OS GRUPOS E SUAS RELAÇÕES

Cada ser humano procura alcançar valores e ideais superiores para a construção permanente de si, sabendo que só é possível conquistá-los por meio da vivência plena de sua individualidade em relação com o outro. Como diz Franco Ímoda (1996), “a história individual, com todos os seus elementos motivacionais de desenvolvimento, está estreitamente ligada ao fato de que situações, verificadas no desenvolvimento, tornam-se situações de desenvolvimento” (1996, p. 52). Nesta perspectiva, em seu desenvolvimento humano, o “eu”, se constrói eminentemente com a presença de um “tu”.

Segundo os estudos psicológicos e sociológicos, os relacionamentos interpessoais (Francica, *at al.* 2021) dizem respeito à capacidade que o ser humano possui de estabelecer relações e vínculos com uma ou mais pessoas nos mais diversos ambientes, seja ele o ambiente de trabalho, o ambiente familiar, o ambiente social, o ambiente religioso, o ambiente educacional, dentre outros. Nesse sentido, o ser humano pode ser considerado, essencialmente, um ser de relações.

A forma com a qual cada indivíduo se relaciona consigo mesmo reflete na forma que este se relaciona com outrem. Em rigor, nota-se que o bom relacionamento interpessoal é fruto de um bom relacionamento a nível intrapessoal. Em outras palavras, se internamente a pessoa é bem resolvida em suas questões pessoais e profissionais, as suas relações exteriores tendem a ser saudáveis e equilibradas (Garcia, 2021).

É impressionante como o ser humano, quando experiencia desconfortos ou dores emocionais, acaba por refletir o que sente nas pessoas com as quais interage e se relaciona. Tais desconfortos internos revelam, muitas vezes, atitudes negativas e agressivas, na vivência relacional, justamente onde conseguem se conectar com o outro, de modo especial no ambiente familiar (Garcia, 2021).

O estudo da vivência relacional do ser humano em sociedade – dentro de um determinado grupo - tem sua importância para o desenvolvimento da própria pessoa humana, que se coloca como agente dessa interação. Assim, as atitudes de cada indivíduo, suas habilidades sociais e capacidades afetam não somente a si mesmo e as pessoas com as quais convive, mas a sociedade como um todo.

Nesta direção, a própria sociedade tem a sua contribuição nas relações de interação entre as pessoas, como bem afirmou Edgar Morin (1996):



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

[...]a sociedade é, sem dúvida, produto da interação entre indivíduos. Essas interações, por sua vez, criam uma organização que tem qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura. E essas mesmas qualidades retroatuam sobre os indivíduos desde que vêm ao mundo, dando-lhes linguagem, cultura, etc. Isso significa que os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos (Edgar Morin, 1996, p. 48).

Quando se está em grupo, cada indivíduo tende a se desenvolver e crescer num movimento exponencial, respondendo ou assimilando as contribuições no meio em que se relaciona. Sendo assim, a sua individualidade deve interferir na condição comunitária dos grupos. Por isso, não se pode simplesmente enxergar a família, ou qualquer grupo, apenas como um somatório de membros, mas um grupo constituído de pessoas com sentimentos, conflitos, valores, necessidades, virtudes, potencialidades, que possui uma energia própria que atingirá e desenvolverá o grupo, provocando um avanço significativo a todos (Arrow, Mc Grath e Berdahl, 2000; Forsyth e Burnette, 2010; Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2000).

Quando se vivencia a realidade de um grupo, se espera que cada membro seja capaz de sentir-se responsável e participante de desenvolvimento do mesmo. Assim, ele é chamado a oferecer suas potencialidades em função da dinâmica e das peculiaridades, da sobrevivência e harmonia, bem como das necessidades aí encontradas. Uma vez que o integrante do grupo corresponde a essas demandas, ele consegue sentir-se integrado e auxilia na resolução de problemas, naturalmente presentes, em cada realidade particular (Minicucci, 1982; St-Arnaud, 2012).

Nesta perspectiva, Serge Moscovici (1985) falou da importância das necessidades interpessoais dentro do grupo. Os resultados a que se chegam, sendo eles positivos ou negativos, são gerados pela relação existente entre os membros, que conseguiram, ou não, harmonizar seus objetivos e valores. Por isso, “as relações interpessoais no grupo são mais importantes do que a qualificação individual para as tarefas” e corrobora, ainda, dizendo que: “Se os membros se relacionam de maneira harmoniosa, com simpatia e afeto, as probabilidades de colaboração aumentam muito, a sinergia pode ser atingida e resultados positivos surgem de modo consistente” (Moscovici, 1996, p. 47).

Em rigor, uma das questões mais eminentes que surge é buscar fundamentar e entender a dinâmica das relações interpessoais nas emoções, sentimentos, pensamentos, intenções e na conduta social como um todo. Nas interações sociais, evidencia-se a importância de perceber alguns processos e abordagens relativos ao ser humano e à convivência com o meio. Cabe, portanto, averiguar se as concepções de Schutz podem ou não contribuir para as práticas vivenciais e clínicas nas situações diversas, oriundas desse campo de estudo.

3. A TEORIA DAS NECESSIDADES INTERPESSOAIS DE SCHUTZ



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

William Carl Schutz (1925-2002) nasceu em Chicago, nos EUA, e é o autor da Teoria das Necessidades Interpessoais, chamando-a de FIRO-B (*Fundamental Interpersonal Relations Orientation*). Sua Teoria foi influenciada por Kurt Lewin (1890-1947), manifestando que o comportamento pode ser avaliado por um instrumento, explicando, dessa forma, o comportamento e a interação humana.

Segundo Schutz (1974), todo ser humano é dotado de necessidades específicas. “Essas necessidades constituem o fundamento da investigação no campo das relações interpessoais e a base dos métodos por meio dos quais se alcança o pleno potencial humano na relação de um ser para o outro” (1974, p. 101). Segundo ele, essas necessidades interpessoais são: inclusão, controle e afeto (afeição).

“as necessidades interpessoais serão satisfeitas normalmente por um equilíbrio de relações nas três zonas. As zonas de necessidades interpessoais caracterizam três fases de desenvolvimento grupal, embora muitas vezes não possam ser nitidamente distinguidas, pois os componentes do grupo não se encontram todos na mesma etapa ao mesmo tempo ao procurar satisfazer suas necessidades, de acordo com seu ritmo pessoal” (Moscovici, 1980, pp. 60-61).

Schutz explica a *necessidade de inclusão* como a carência que qualquer indivíduo possui. Uma vez que a pessoa se constitui, eminentemente, como um ser de relações, ela busca, de forma voluntária e quase que instintiva, pertencer ou se inserir em um grupo. Na medida em que a pessoa faz contato com um grupo e passa a sentir-se aceita, querida, valorizada pelo grupo com o qual interage, ela experimenta um clima de confiança e alegria, descobrindo-se membro, parte do grupo.

Em outras palavras, a necessidade de inclusão diz respeito ao sentido de pertencer, de fazer parte, de estar junto, de estar inserido naquela realidade específica e singular onde se encontra. Neste caso, ela se refere “à necessidade de estar com pessoas e de não estar só. O esforço com relação à inclusão é no sentido de manter contato suficiente para evitar o isolamento e desfrutar da companhia das pessoas” (Schutz, 1974, p 18). Sabe-se, portanto, que o homem realizado e feliz pode funcionar melhor e superar os comportamentos, os pensamentos e os sentimentos destrutivos e modificá-los para um equilíbrio significativo, enquanto vivencia uma interação com o outro.

Neste processo, cada indivíduo busca, de alguma maneira, sondar o nível de aceitação no grupo que se afiliou. Ele procurará indícios de que não está sendo rejeitado, desprezado e até mesmo isolado pelos outros membros. Dessa forma, na medida em que se percebe como participante nas decisões, incluído nas definições próprias de cada grupo, sentir-se-á confortável e parte integrante do mesmo.

Assim, para Schutz:

“a necessidade de ser incluído manifesta-se como o desejo de merecer consideração e de atrair atenção e interesse... Ser reconhecido e receber atenção são partes integrantes da distinção que o indivíduo faz entre ele próprio e os outros. Ele precisa ser reconhecido como um determinado indivíduo; tem de ter identidade particular” (Schutz, 1974, p. 101).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

A *Necessidade de Controle* diz respeito à carestia da influência e participação que o indivíduo exerce dentro do grupo. Ao ser definida a posição e a responsabilidade como membro, bem como outros aspectos que caracterizam a influência e o controle que exerce, cada indivíduo deve assumir para si responsabilidades que lhes são inerentes à posição que ocupa. Tudo isso acontece para que as estruturas, as atividades, os objetivos estejam bem claros e definidos para o crescimento e progresso do grupo. Neste momento, começa a definição das responsabilidades no grupo e também as de cada pessoa (Moscovici, 1980).

É exatamente nesta fase que as questões se encaixarão na medida em que algumas perguntas são respondidas: Este grupo está sob o controle de quem? Quem é a autoridade? Quem possui autoridade? Quem comanda? Quem tem o poder de influência? Como são tomadas as decisões? Mas não é somente isso, pois alguns problemas surgirão nessa fase: a luta pelo poder, a competição, o debate, a questão da submissão, a rebeldia, tornando o grupo instável ou não. Isso acontece mediante o grau de socialização de cada membro. Observa-se a partir deste contexto, que:

“uma vez formado o grupo, começa a diferenciar-se, pessoas diferentes assumem ou procuram papéis diversos, e comumente lutas pelo poder, competição e influência tornam-se os problemas centrais... gravita no sentido da posição de subordinado em que não terá de assumir a responsabilidade de tomar decisões, e em que alguém se incube disso... É comum que essa necessidade de controlar gente desloque para outras áreas. A superioridade intelectual ou atlética permite considerável dose de controle, bem como o método mais direto de atingir o poder político” (Schutz, 1974, p. 132).

A *Necessidade de Afeto ou Afeição* se realiza de modo diverso, em relação ao grau de afeto recebido, para que a pessoa saiba se está sendo ou não valorizada pelo grupo. Quando a resposta é positiva, tudo concorre para uma integração válida, diante da comunicação, da receptividade, dos sentimentos expressos e outros sinais de maturidade. Inclusive, é importante lembrar o pensamento de Jean Piaget, ao afirmar: “sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação” (1994, p. 129).

Aspectos relevantes de influência e de manutenção de um grupo: valorização, empatia, reconhecimento e outros mais. Quando se fala de adolescência, as contradições pela busca de identidade são grandes e se esbarram no aspecto afetivo como motor ou propulsor deste sistema. Neste pleno ato afetivo, se observa a dinâmica do afeto apontada por ele. Sabe-se que:

“para maioria das pessoas, tanto dar como receber afeição são questões muito difíceis. Muitas pessoas acham que não são merecedoras de amor, sendo-lhes extremamente difícil aceitar quaisquer gestos de afeição, agrado ou admiração... A experiência de demonstração afetiva maciça é muito pouco comum, e os sentimentos dos participantes ao externarem afeição variam enormemente” (Schutz, 1974 p. 151).

Nesta direção, percebe-se um desejo secreto de todo indivíduo de sentir-se acolhido e querido, sendo quase que insubstituível pelo grupo. Cada pessoa começa a entender os sinais



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

próprios de que está sendo valorizada ou de imaginar que aquele determinado grupo em que se encontra não poderá viver sem a sua presença. Assim, procura ser estimado ou respeitado como pessoa, como ser humano, estabelecendo relações em nível interpessoal.

Em síntese, depois desses pressupostos teóricos, já a partir de 1984, encontra-se uma adaptação e desdobramentos da Teoria de Schutz por diversos autores, sendo eles: “Willian J. Doherty, professor associado do Departamento de Medicina da Família na Universidade de Oklahoma, e por Nicholas Colangelo, professor associado da divisão do Conselho Educacional da Universidade de Iowa, EUA” (Viegas,2020, p.71). A partir desses estudos surge o FIRO, o Family FIRO (Viegas 2020), que propõe um tratamento para as famílias em crise.

4. TERAPIA FAMILIAR

As relações estabelecidas pelo homem, dentro e fora do ambiente familiar, bem como nos mais diversos ambientes sociais e as experiências vividas ao longo da vida, decorrentes dos desempenhos dos diferentes papéis sociais, configuram o processo de socialização de cada indivíduo. Ao entrar em contato com o outro – aquele que é diferente de si – o homem estabelece relações interpessoais, intergrupais e mesmo coletivas que provocam novos conhecimentos e vivências que interferem sobre seus processos cognitivos e afetivos, fazendo com que, muitas vezes, redirecionem o sentido do seu existir. É exatamente aí, onde acontece o intercâmbio de conhecimentos, onde inferências são feitas, dos outros e de si mesmo, onde se trocam experiências, onde se influencia e se é influenciado, que são contextualizados os estudos de cognição social – campo de pesquisa desse emaranhado de realidades.

De um modo geral, quando se fala de Terapia Familiar, pensa-se num espaço onde o terapeuta seja capaz de realizar inferências e intervir diretamente nos conflitos familiares, desde a escuta ao entendimento dos papéis que cada membro desempenha e, a partir dessa realidade, buscar a resolução dos problemas aí existentes. É um trabalho desafiador, que evidencia a necessidade da participação de todos os membros do grupo, para que as tomadas de decisões apontem para um caminho de progresso e crescimento (Oliveira; Braga & Prado, 2017).

O surgimento desse modelo se deu nos Estados Unidos, nos anos 50, proporcionando uma nova forma de pensar, principalmente quando se fala de interação familiar e também de agir (Costa, 2003). Nesse sentido, uma construção vai se desenvolvendo entre o terapeuta e a família em terapia (Relvas, 1999). Cabe, ainda, falar sobre o conceito de família, que nos ajudaria dentro desse contexto em que a Terapia Familiar atua. Neste caso, José Gameiro (1992) definiu como:

“uma rede complexa de relações e emoções no qual se passam sentimentos e comportamentos que não são passíveis de ser pensados com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados. [...] a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura” (1992, p. 187).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

Pode-se notar que as famílias devem não somente tomar consciência de suas funções, mas estar conscientes de suas obrigações fundamentais: procurar desenvolver as capacidades de seus membros e promover o crescimento do sentido de pertença, cuja Teoria de Schutz (1974) oferece relevante contribuição, quando aplicada ao núcleo familiar, uma vez que busca inserir os membros em um contexto sociocultural.

Nesta perspectiva, o processo terapêutico busca, dentre outras coisas, detectar os obstáculos criados - problemas individuais de alguns membros da família, transtornos em relação ao comportamento, violências, dentre outros - pessoas enfermas, bem como as resistências no enfrentamento da demanda apresentada, para que haja a possibilidade de tratamento dos seus membros e o encaminhamento da remissão seja bem-sucedido. (Silva & Gontijo, 2016).

É de suma importância que o terapeuta esteja atento aos movimentos criados por cada membro, perceba a dinâmica que os envolve e se encaminhe num processo de mudança. Nesse sentido, a família, como se concebe hoje, está em constante mudança e transformação que deve ser postulada, também, nesse processo. Embora a teoria envolva variadas correntes, o elemento principal ainda continua sendo aquele grupo específico.

Outra questão relevante é pensar a figura do terapeuta como aquele que não é o detentor da verdade sobre os membros de uma família que está ajudando. Ele deve possuir a capacidade de ser flexível, valorizando as pessoas, suas potencialidades e experiências a fim de compreendê-las para ajudar em todos os sentidos (Rossato, 2017). Por isso, se faz necessário ter clareza e entendimento sobre o que trouxe aquela família para a terapia e a possível intervenção que se pode realizar.

Cabe, ainda, ressaltar que o *setting* da terapia familiar é um lugar privilegiado para ambas as partes. Nesse lugar, a relação entre terapeuta e família acontece. Mas não se pode esquecer que: “para um terapeuta de família, todas as pessoas, todos os casais e todas as famílias têm, contidos em si mesmos, o potencial e as respostas para a melhora dos aspectos para os quais vêm buscar ajuda. A relação terapeuta-família busca a articulação conjunta” (Rossato, 2017, p. 143).

Neste sentido, é importante que se tenha clareza sobre os mais complexos problemas que são enfrentados pelas famílias na contemporaneidade. Autores, como Cristina Cruz, Goreti Mendes, Helena Ventura, Dora Pereira & Margarida Pocinho (2019), como também Ana Claudia Leoni Dutra Cipriano Lara (2019), apontaram que os maiores problemas na vida familiar são os diversos fatores que podem provocar crises e dificuldades sérias no amadurecimento de seus membros. Entre eles, podemos citar: despreparo dos pais, problemas emocionais, problemas escolares, dentre outros. Neste caso, buscou-se os reforços para privilegiar a construção e reestruturação das famílias, articulando a escola, a família e a sociedade, proporcionando essa mudança.

5. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

Na atualidade, reflexões são levantadas sobre os mais diversos tipos de grupos. Quando se observa a família, especificamente, surgem algumas questões que pleiteiam e preconizam mais atenção. Percebe-se que o desenvolvimento das relações do núcleo familiar tem experimentado uma escassez de sentido e estão cada vez mais envoltas num individualismo, levando seus membros a uma superficial e inexpressiva troca relacional. Cabe ressaltar o que Bauman mencionou: “[...] a família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos são fluidos demais para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadros de referência confiáveis” (Bauman, 2001, p. 209). Neste sentido, evidencia-se que o vínculo de família e pertença estão se diluindo a cada momento que se passa.

Osório (2002), ao afirmar que a família é uma unidade grupal, menciona que um dos aspectos ligados a essa relação é a aliança, estabelecida entre seus membros. Nesta direção, as relações familiares são formadas através dessas interações existentes entre os membros, principalmente nas definições de papéis e na organização exigida. Assim, pode-se dizer que “famílias equilibradas são aquelas com habilidade para se adaptarem às situações, demonstrando flexibilidade na liderança, relações, papéis, controle, disciplina, negociação, divisão de tarefas e responsabilidades” (Viegas, 2020, p. 19).

No que tange à educação dos filhos, existe a preocupação de que eles deverão ser forçados, pelo ambiente, a se adaptar às diversas e complexas situações, no período de crescimento. A presença dos pais e/ou responsáveis, neste cenário, é de fundamental importância para que novos ajustes e inferências sejam realizados, diante dos acontecimentos e da postura que eles adotarão para a resolução dos seus problemas. Assim, esse processo de educação e toda relação estabelecida no seio familiar diz respeito ao “sentido que nos sustenta na vida: enquanto houver um sentido, pode-se viver mesmo em condições muito pouco favoráveis” (Franz, 2018, p. 82-83).

Convém, ainda, lembrar que a consciência do vínculo, mediante o qual a pessoa se sente membro de um grupo e representante diante de um todo (que é a sociedade), permitirá que a formação dos filhos, por exemplo, se apoie nos seus valores objetivos cuja convicção norteará escolhas e determinações na vida deles. Sendo assim, ficará visível o quanto serão impulsionados para tais objetivos, pois esses se cruzarão com suas exigências e escolhas fundamentais. Neste caso, “[...] a maioria das coisas depende muito mais da maneira como as encaramos e não de como são em si. Vale muito mais a pena viver as pequeninas coisas com sentido, do que as maiores, sem sentido algum” (Jung, 2013b, p. 58).

É imprescindível ressaltar que Schutz (1974) pode contribuir e propor caminhos que evidenciem um maior equilíbrio e sustentação da base das relações no seio da família. Tais contributos partem do entendimento de sua teoria que propõe uma reflexão em nível macro, uma vez que abarca uma compreensão dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais em torno de cada pessoa no grupo familiar.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

Ao se pensar na *Necessidade de Inclusão*, a família pode compreender o benefício de estar integrada, buscando o movimento de valorização de cada membro para que o grupo se desenvolva em harmonia. A partir dessa realidade, fica mais fácil a percepção de que cada membro deve entender a sua função e como deve se portar, cumprindo suas atividades para que a família amadureça progressivamente. Desse modo, “a inclusão nas famílias refere-se ao nível de envolvimento de um na vida do outro, indo desde a falta de limites em um extremo até a total ausência de compromisso e engajamento no outro” (Viegas, 2019, p. 72).

Verifica-se, com isso, que “o gosto pela inclusão se caracteriza pela busca de interação com as pessoas, o desejo de atenção, de reconhecimento, de preeminência, apreciação e prestígio; assim como pela busca de interação com a própria identidade e individualidade” (Schutz, 1974, p. 102). Desta forma, o interesse dos membros terá importante conexão para gerar uma relação saudável, com percentual elevado de satisfação, provocando não só a otimização no desempenho das atividades, mas, sobretudo, o bem-estar (Norgren *et al.*, 2004).

Nesta direção, é importante destacar um aspecto relevante: o quanto os indivíduos da contemporaneidade se distanciaram do convívio social. Ou seja, tem-se percorrido um caminho de afastamento do outro e optado por um estilo individualista, caracterizado pela introversão, que vem assumindo um *status* de “vida reservada”. Cada vez mais cedo, as crianças e adolescentes encontram esse tipo de reforço pela inserção na vida digital, o que tem contribuído, visivelmente, para um enfraquecimento de uma vivência familiar real e concreta.

Além dessas características, existe na criança e no adolescente o medo de se expressar e não ser aceito. Por isso, muitos não se arriscam para não ser ignorados ou rejeitados pelos outros. Desta forma, “há um forte impulso para autossuficiência como técnica para viver sem os outros. Por trás desse retraimento, está a sensação íntima de não ser compreendido” (Schutz, 1974, p.104). O autor, ainda, manifesta que a família deve estar atenta aos fatos existentes, percebendo que esta questão deverá ser trabalhada em terapia, pois, se assim não acontecer, poderá desenvolver situações desajustadas. (Schutz, 1974).

Quando se fala de *Necessidade de Controle*, são mencionadas as questões ligadas ao poder, à autoridade e, nesse caso, são evidenciadas as responsabilidades que cada pessoa possui dentro do grupo. É neste contexto que as relações de líder e seguidores (pais e filhos) serão acentuadas e definidas. A liderança influenciará ou incentivará os outros membros a fazerem parte deste ambiente grupal ou contribuirá para o descaso dos mesmos. Possivelmente, esse comunicador criará condições para a manutenção dos indivíduos e da solução diante dos obstáculos ou, por outro lado, caso os membros não possuam as habilidades sociais necessárias, conduzirão o grupo familiar à segregação e ao afastamento.

Tendo em vista o que foi mencionado, percebe-se que Teoria de Schutz (1974) pode auxiliar para a compreensão da dinâmica do controle, uma vez que é possível trabalhar e manter-se bem definidos os papéis de cada membro. As pessoas começam a assumi-los e, quando esses não estão



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

bem definidos, surgem as lutas diante do poder ou, até mesmo, da liderança. Se a família não tiver maturidade, jamais poderá ter a clareza nessa definição de papéis, de poder e de luta.

Em qualquer grupo, a competição e a influência ajudam no processo das definições desses papéis. Os menos influenciadores se voltarão para aquele que sobressair na aquisição da liderança e irão elegê-lo como responsável para segui-lo. Mas, na família, os papéis são definidos pela posição de cada membro ou pela incumbência de cada pessoa. O papel de pai como aquele que tem autoridade e, em muitos casos, compartilhado com a mãe, através de um consenso, o papel dos filhos de serem obedientes e receptores da formação e assim por diante.

Nesse sentido, cabe mencionar que:

“O indivíduo que chega ao extremo da renúncia ao controle, *“abdicata”* é aquele que tem tendência à submissão e à abdicação de poder e responsabilidade em seu comportamento interpessoal. Gravita no sentido da posição de subordinado em que não terá de assumir a responsabilidade de tomar decisões, e em que alguém se incumbem disso. Conscientemente, quer que os outros o aliviem de suas obrigações” (Schutz, 1974, p. 132).

No que diz respeito à *Necessidade de Afeição (ou afeto)*, sabe-se que está presente na vida dos grupos e dos membros familiares, caracterizando-se com demonstrações de amizade, ciúmes, carinho e emoções entre as pessoas. A necessidade de ser protegido e amado é importante sempre e marca momentos significativos no desenvolvimento da vida de cada um. Inicia-se na infância, quando começa a fase dos “porquês”, passando pela adolescência onde acontece o processo de descoberta e é preciso lidar com o aparecimento da menstruação na menina e o surgimento de pelos e sêmen no menino. Em seguida, vem a juventude com a chegada à universidade e, na maioria das vezes, a experiência de ingresso no mercado de trabalho, culminando com a vida adulta, momento em que as pessoas abraçam o casamento e resolvem edificar o seu lar, dentre outros.

Cabe lembrar que, nesse período, um turbilhão de sentimentos surge não somente na vida dos filhos ou do casal. As famílias experimentam sentimentos e momentos de introversão, audácia, ira, cólera, irritação, medo, espanto, ansiedade, melancolia, excitação (sexual ou não), nervosismo, conturbação, júbilo, entusiasmo, sensualidade, amor, descoordenação, apatia e desinteresse, dentre outros. Isto é, aspectos que carregam uma complexidade cognitiva que precisa ser vivenciada e superada ao longo de todos os ciclos de suas vidas. Assim, “o afeto na família se refere às trocas interpessoais estreitas, interações, emocionalmente próximas e profundas, com o compartilhamento de sentimentos, esperanças e vulnerabilidades, sendo isto melhor descrito pelo termo intimidade” (Viegas, 2019, p. 72).

É nesse contexto da intimidade da família que aparece a afeição. As manifestações emocionais surgirão, provocando oscilações de harmonia, insatisfação, apoio, ciúmes e outros sentimentos que emergirão nesse contato grupal. Dificuldades e complicações estão presentes nesse cenário uma vez que:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

“para maioria das pessoas, tanto dar como receber afeição são questões muito difíceis. Muitas pessoas acham que não são merecedoras de amor, sendo-lhes extremamente difícil aceitar quaisquer gestos de afeição, agrado ou admiração... A experiência de demonstração afetiva maciça é muito pouco comum, e os sentimentos dos participantes ao externarem afeição variam enormemente” (Schutz, 1974, p. 151).

Como a afeição se estabelece nas relações ou ligações emocionais, essa fase será crucial para o vínculo acontecer e estabelecer os laços entre os membros familiares. Mas não se pode deixar de perceber que “interesse, desejo e frustração são os principais componentes que determinam, principalmente, a intensidade, a duração e a direção da expressão emocional” (Campos, 1990, p. 62). Esses devem ser trabalhados para um maior amadurecimento efetivo da família.

As experiências bem-sucedidas amadurecem e capacitam os membros familiares neste processo de relação interpessoal. Cada um sentirá prazer na companhia dos seus, pois o amadurecimento afetivo causa um alargamento dos sentimentos em relação a si próprio e todo o universo interior, na relação com os outros, provocando um direcionamento saudável e respeitoso com os semelhantes. Assim, questões ligadas à afeição e intimidade podem ser vistas nos compartilhamentos de sentimentos, na interação sexual do casal, na vulnerabilidade dos membros familiares, bem como no relacionamento existente no seio familiar (Viegas, 2019).

É bom ter clareza que “experiências bem-sucedidas podem reestruturar, enormemente, o autoconceito de uma pessoa, no sentido de ajudá-la a sentir-se mais amante e amável” (Schutz, 1974, p. 159). Perceber a maturidade de um grupo evoca um processo de desenvolvimento favorável e de extrema competência grupal. Sabendo, inclusive, que a relação de confiança da família, por exemplo, provoca vínculos mais duradouros.

Sabe-se que não existe família perfeita. Entretanto, deve-se buscar encontrar caminhos que conciliem os seus objetivos e valores primordiais. Sendo assim, nos estudos de Azevedo, Cia e Spinozola, atesta-se a importância das famílias, correlacionando diversos tópicos, como rotina familiar, relacionamento conjugal, dentre outros. Dessa forma, puderam concluir que:

“estudos que envolvem famílias de crianças com deficiência não devem se limitar em avaliar apenas os aspectos físicos e emocionais dos pais, estendendo-se aos apoios e aos suportes tangíveis que estes podem receber. No entanto, para trabalhar com as famílias, faz-se necessário conhecê-las e entender a sua importância para o seu desenvolvimento, assim como a importância que cada genitor tem no desenvolvimento infantil e no desempenho de seus papéis parentais” (Azevedo, Cia, Spinozola, 2019, p. 215).

Portanto, o importante no processo é pensar a família como aqueles que precisam dialogar, preocupando-se uns com os outros e estabelecendo funções e metas. Para tal, é necessário um processo que envolva uma boa comunicação, auxiliando nas relações existentes, possibilitando o enfrentamento de contratempos e reveses e provocando mudanças que levam a um amadurecimento crescente no ambiente familiar. Desse modo, vale explicitar que “o conhecimento da família oferece



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

não apenas o contexto para uma avaliação que ajude no diagnóstico, mas também é importante na tomada de decisão sobre uma intervenção mais apropriada à realidade” (Viegas, 2019, p. 21).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, dentro de cada ser humano, uma necessidade de convivência e de socialização que favorece um aperfeiçoamento de suas faculdades em vista de uma realização de sentido de vida. Tal experiência evidencia a capacidade cognitiva que cada ser humano possui que engloba interação e crescimento, meios adequados para se atingir o amadurecimento efetivo, dentro dos parâmetros funcionais, diante de suas próprias leis e mecanismos. Não se pode deixar de mencionar que:

“o ser humano é capaz de exercer alguma influência intencional sobre reagir ao ambiente externo a sua volta, possuindo a capacidade de refletir sobre ele. Em outras palavras, ele é um indivíduo com potencialidades para pensar, construir e transformar as realidades a sua volta, conforme sua vontade e interesse. Sendo assim, os aspectos cognitivos serão ativados de maneira a inferirem, diante dos estímulos ambientais, a mudança do comportamento, determinando ações que possam julgar imprescindíveis” (Campos, *et al*, 2021, p.6).

Neste sentido, o ser humano necessita aprender para progredir e entender as realidades a sua volta. Assim, cabe citar o que Da Ros afirmou:

“o processo de mudança onde o aprender promove o desenvolvimento, dá-se através de uma aproximação ou interação mediada ativa, isto é, aquela que concebe o ser humano como capaz de se transformar (...) a possibilidade de se relacionar com o mundo de uma forma diferente daquela marcada” (1997, p. 44).

A realidade familiar é um sistema dinâmico que busca se relacionar sempre com as novas realidades que aparecem e se instauram. Para cada nova etapa, há uma acomodação da outra ou, até mesmo, a superação da anterior. Assim, novos padrões provocarão aprendizado para todos os que compõe o núcleo familiar. Como afirmou Campos (2020), “a família é um complexo sistema de organização social e emocional, que possui crenças, valores e experiências vivenciadas em plena subjetividade afetiva” (2020, p. 116).

A contribuição da Teoria de Schutz (1974, 1978) e a sua aplicação por diversos autores, como Silvino José Fritzen (1990), Moscovici (1985) dentre outros, apontam, dentro da Psicologia Social, a necessidade desses elementos para a análise dos dinamismos do grupo: sua finalidade, sua relação, os papéis que se desempenham, o clima (força própria do grupo ou da família) e muitos outros, dentro do fenômeno da formação consciente da pertença.

Nesta direção, é fundamental a união dos membros familiares ou de qualquer grupo que queira viver uma sadia relação interpessoal. Vale mencionar o que Costa (2003) disse: “tem competência interpessoal quem saber ouvir o outro e colocar-se no lugar desse outro a fim de compreendê-lo” (Costa 2003, p.1). Portanto, faz-se mister que a boa convivência se expressa pela



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Célia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

capacidade de ser empático, de cooperar, de viver e de superar crises, de manter sempre a comunicação entre os membros, de saber ouvir, dentre outros aspectos.

Não importa aqui entender qual Teoria é a mais relevante. É necessário compreender a dinâmica familiar, dentro da complexidade que envolve esse sistema – família, para tal transformação acontecer (Campos, 2020). É imprescindível ressaltar que o papel dessas teorias, no exercício das relações humanas, deve ser visto como uma ação de influências. As características pessoais, ambientais e comportamentais estão interligadas de tal modo que levam o ser humano a influenciar o meio em que se encontra e ser influenciado por ele de maneira significativa. (Campos, *et al*, 2021).

Levando em consideração os aspectos mencionados, apresenta-se como resultados dessa pesquisa caminhos que postulam comunicação no que tange à relação ao diálogo, a afetividade bem como, ao senso de pertencimento. Nesse sentido, cabe destacar que, quando os cônjuges conversam e se manifestam positivamente em relação ao outro, demonstrando respeito e contentos entre si, promovem e reforçam a relação conjugal. Assim, cresce a qualidade do matrimônio e da família, principalmente quando se apoiam e respeitam os valores do grupo familiar (Gottman e Silver, 2000).

Nesta direção, um outro resultado apontado, é a possibilidade de se pensar no ajustamento das relações que sejam capazes de fomentar o amadurecimento dos filhos e a adaptação dos mesmos à vida. A presença dos pais na vida dos filhos, expressando uma boa comunicação e carinho na busca do diálogo e do companheirismo, leva os mesmos a equilibrar problemas e dificuldades que surgem no decorrer da vida familiar. Nesse sentido, “sua estrutura e organização permitem definir objetivos e prover os meios para o crescimento, desenvolvimento, saúde e bem-estar de seus membros” (Rodrigues, Sobrinho e Silva, 2000, p. 41).

Como resultado deste trabalho ressalta-se que o desenvolvimento dos aspectos relacionais interpessoais na teoria de Schutz tem relevância para a compreensão da formação de um determinado grupo, principalmente a família, dentro das etapas apontadas por ele (inclusão, controle e afeto). Tais etapas constituem realidades basilares capazes de mover o ser humano a algo maior que ele mesmo, ajudando-o a persistir na senda que o conduzirá à plenitude da existência.

Em suma: espera-se ter contribuído para incentivar novas pesquisas e/ou ações que auxiliem na expansão dos conhecimentos a respeito do tema. E, para tanto, recomenda-se que outros estudos sejam realizados, a fim de construir novos conhecimentos que colaborem com intervenções de psicólogos e educadores, objetivando fomentar a teoria de Schutz como promotora de cuidado e bem-estar na Terapia familiar.

7. REFERÊNCIAS

ARROW, H.; MCGRATH, J. E.; BERDAHL, J. L. **Small groups as complex systems: Formation, coordination, development, and adaptation.** Thousand Oaks, CA: Sage Books, 2000.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

AZEVEDO, T. L.; CIA, F. E.; SPINOZOLA, C. C. Correlação entre o Relacionamento Conjugal, Rotina Familiar, Suporte Social, Necessidades e Qualidade de vida de Pais e Mães de Criança com Deficiência. **Revista Brasileira**, Ed. Esp., v. 25, n. 2, p. 205-218, 2019.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMPOS, L. A. M.; DOMINGOS, L. F.; SANTANA, C. M. L.; ZANATTA, C.; CHAGAS, E. M.; LUCENA, H. B. M. Memória, Autorregulação e Autoeficácia no desempenho da aprendizagem. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 3, p. 457-475, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i3.230>.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Adolescência – Normalidade e Psicopatologia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CAMPOS, F. A. A. C. Terapia familiar: contribuições a prática clínica em saúde mental. **Saúde em Redes**, v. 6, n. 2, p.115-126, 2020. DOI:18310/2446-48132020v6n2.2462g516.

COSTA, W. S. da. Humanização, relacionamento interpessoal e Ética. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, 2003.

COSTA, V. D.; ROCHA, C. J. Sobre identidades culturais e a experiência da cultura- mundo: aproximações e divergências entre Stuart Hall e Gilles Lipovetsky. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 38663-38675, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n4-363.

CRUZ, C.; MENDES, G.; VENTURA, H.; PEREIRA, D. E POCINHO, M. Uma intervenção familiar no contexto educativo da Ram. Faculdade de Artes e Humanidades. Journal of the Spanish Federation of Family Therapy Associations, Portugal, n. 72, p. 55-62, 2019.

CUGINI, P. (2020). A fuga na realidade como paradigma da Pós-Modernidade. **Revista Interdisciplinar de Filosofia e Teologia**, Quixadá-CE, v. 4, n. 7, p. 1-26, 2020.

FORSYTH, D. R.; BURNETTE, J. L. Group processes. *In.*: BAUMEISTER, R. F.; FINKEL, E. J. (Eds.). **Advanced social psychology: The state of the science**. New York, NY: Oxford University Press, 2010. p. 495-534.

FRANCICA, J. O.; SIQUEIRA, M. SOUZA, A. C.; BIAZZI, S.; ZUKOWSKY-TAVARES, C. Relações Humanas Interpessoais: um perfil da literatura em habilidades sociais. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12066.

FRANZ, M. V. **A busca do sentido: entrevistas radiofônicas**. São Paulo: Paulus, 2018.

FRITZEN, S. J. **Relações humanas interpessoais**. Petrópolis: Vozes, 1990.

GAMEIRO, J. **Voando sobre a Psiquiatria**. Porto, PT: Afrontamento, 1992.

GARCIA, A. C. B. F. Estresse nas relações familiares: a comunicação na prática Clínica. *In.*: RODRIGUES, C. V. M.; GARCIA, A. C. B. B. **Saúde Integrativa no cuidado do Câncer**. São Paulo: Editora Appris, 2021. P. 1-181.

GOTTMAN, J. M.; SILVER, N. **Sete princípios para o casamento dar certo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

ÍMODA, F. **Psicologia e Mistério**. São Paulo: Paulinas, 2019.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

LARA, A. C. L. D. C. **Relações familiares, cognições disfuncionais e problemas emocionais e comportamentais de crianças e adolescentes**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2019.

MACHADO, M. Compreender a Terapia Familiar. **Psicologia - O Portal dos Psicólogos**, 2012.

MINICUCCI, A. **Dinâmica de grupo**: Teorias e Sistemas. São Paulo: Atlas, 1982.

MORIN, E. A. (1996). Noção de sujeito. *In.*: SCHNITMAN, D. F. (Org). **Novos paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto, PT: Artes Médicas, 1996. p. 45-55.

MOSCOVICI, F. Toward A Theory of Conversion Behavior. **Journals & Books**, v. 13, p. 209-239, 1980. DOI:10.1016/s0065-2601(08)60133-1

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H.; E SHARLIN, S. A. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 9, p. 575-584, 2004.

OLIVEIRA, I. L. S.; BRAGA, A. P., PRADO, C. M. N. Participação da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança. **Est. Cient. UNIFAP**, v. 7, n. 2, p. 33-44, 2017.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAES, M. R.; LOBÃO, V. C. B. A. C. R. Modernidade Líquida: uma análise das relações líquidas à luz dos conceitos de Zygmunt Bauman. **III MEPE – Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão da FACAPE**, 2020. p. 375-388.

PIAGET, J. La relación del afecto com la inteligencia en el desarrollo mental del niño. *In.*: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. (Eds.). **Piaget y el psicoanálisis**. Xochimilco, ME: Universidad Autónoma Metropolitana, 1994. pp. 181-289. (Trabalho original publicado em 1962).

RANGEL, R.; RANGEL, G. D. R. O Indivíduo Socialmente Falho: Um ensaio baseado em Veblen e Bauman. **Polêmica**, v. 20, n. 1, p. 103-118, 2020. DOI: 10.12957/polemica.2020.55979

RELVAS, A. P. **Conversas com famílias**: discursos e perspectivas em Terapia Familiar. Porto, PT: [S. e], 1999. p.11-38.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RODRIGUES, M. S. P.; SOBRINHO, E. H. G.; SILVA, R. M. A família e sua importância na formação do cidadão. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 2, n. 2, 2000.

ROS, S. Z. **Cultura e mediação em Reuven Feuerstein**: Relato de uma experiência pedagógica com adultos com história de deficiência. 1997. Tese (Doutorado não-publicada) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, 1997.

ROSSATO, M. L. Terapia Familiar como um Espaço de Ressignificação das Relações. **Pensando Famílias**, v. 21, n. 1, p.137-145, 2017.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE SCHUTZ PARA A TERAPIA FAMILIAR
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fábio Domingos, Luís Antônio Monteiro Campos,
Cléia Zanatta, Luciana Cordeiro Teles

SCHUTZ, W. C. **O prazer - expansão da Consciência humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.

SCHUTZ, W. C. **Psicoterapia pelo Encontro**. São Paulo: Atlas, 1978.

SILVA, T. R.; GONTIJO, C. S. A Família e o Desenvolvimento infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **Revista on-line IGT Rede**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 24, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24/v13n24a03.pdf>.

ST-ARNAUD, Y. **Os Pequenos Grupos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIEGAS, A. B. **Possibilidades de uso de ferramentas de abordagem familiar na construção da SAE na APS: o genograma funcional**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ZAGNE, A. M. O.; PEREIRA, M. T. S. M. A prática da Terapia Familiar e do Casal na Atualidade. *In.*: RODRIGUES, C. V. M.; GARCIA, A. C. B. B. **Saúde Integrativa no cuidado do Câncer**. São Paulo: Editora Appris, 2021. p. 1-181.